



# RECORTES DE IMPRENSA

## AGOSTO 2012



COM O APOIO:





**Agosto é um mês marcado pelo descanso de grande parte dos portugueses que dedicam estes dias ao repouso, à família e a recarregar baterias para mais um ano de trabalho. Mas infelizmente o Verão não é apenas sinónimo de “coisas boas”. Os meses mais quentes do ano são exactamente aqueles em que se registam números mais elevados de abandonos e crimes contra os idosos, assim como os meses em que se celebram quadras festivas, tal como o Natal.**

## O outro lado do Verão...

**O aumento da esperança de vida** faz com que o número de pessoas com mais de 60 anos duplique até 2025. Dados estatísticos revelam que o ritmo de crescimento da população idosa em Portugal é quatro vezes superior ao da população jovem. Segundo o INE (Instituto Nacional de Estatística) a população idosa aumentou quase um milhão de indivíduos. Este aumento, associa-

Distrital de Lisboa referentes ao Distrito Judicial de Lisboa, entre 1 de Janeiro e 30 de Março deste ano foram anotados 27 casos de violência contra idosos. No ano passado registaram-se 127 casos, 54 em Ponta Delgada, 19 em Vila Franca de Xira, 17 em Almada, dez em Torres Vedras, nove no Funchal, oito no Barreiro, cinco em Lisboa e quatro em Loures.



do à quebra de laços entre as gerações e o enfraquecimento dos sistemas de protecção social, tem vindo a agravar situações de violência, de vários géneros, contra os idosos.

### Sem eles não existíamos

No dia 26 de Julho, tal como o **EXPRESSO do Oriente** assinalou na edição n.º 77, celebrou-se mais um dia dos avós. Os avós, uma geração a quem também devemos a nossa existência. Infelizmente os elos entre pais/filhos/netos estão cada vez mais fracos, o que gera graves problemas de ordem sociológica muitas vezes justificados pela crise, falta de tempo e pelos fracos recursos financeiros das famílias.

Os menos novos são abandonados nos hospitais, depois de terem alta hospitalar, lá permanecendo até a Segurança Social os encaminhar para instituições apropriadas, que normalmente estão sobrelotadas.

Actualmente os “mais crescidos” passaram a fazer parte das estatísticas no que diz respeito à violência. Esta choca-nos quando somos confrontados com as agressões das quais são vítimas como resultado, por exemplo, de assaltos e burlas feitas por desconhecidos. Pior ainda quando se trata de violência doméstica, pela desproporção de forças, idades e pelo desprezo mostrado pelos próprios familiares pelos princípios básicos de respeito para com quem tem tanto para ensinar.

Segundo dados da Procuradoria-Geral

A APAV - (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) procura apoiar as vítimas de crime, as suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.

Esta associação aconselha os idosos, vítimas de violência (de qualquer tipo), a não se isolarem, a conversarem com alguém da sua confiança sobre o que aconteceu, a fazer queixa às autoridades competentes, tal como a Polícia, o Ministério Público, os Serviços de Saúde, a Segurança Social e à própria APAV. O idoso deve agir prudentemente e exigir que a sua vontade e as suas decisões sejam sempre respeitadas.

No caso de conhecer alguém idoso que suspeita ser vítima de qualquer tipo de crime deve mostra-lhe que pode confiar em si, que pode contar com o seu apoio e que a culpa da violência não é do idoso. Deve também denunciar a situação às autoridades já mencionadas. Se não vê o seu vizinho idoso há algum tempo... bata à sua porta, quem sabe se não estará a precisar de si.

Fontes: INE - Instituto Nacional de Estatística; Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa; APAV - (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima)

**FRASE**

**“ Em tempos de crise, a verba do Governo para ajudar as vítimas de violência doméstica faz sentido**

**João Lázaro**  
Assoc.  
Portuguesa  
de Apoio  
à Vítima







JULIA FREEMAN-WOOLPERT



Idosos são muitas vezes as vítimas do desgaste das famílias que cuidam deles. Situações de abandono aumentam no verão

# Verão é uma altura crítica para abandono de idosos

Nas férias, o descanso das famílias é feito, por vezes, à custa do abandono dos idosos. Mas também há quem os queira em casa para ter a sua reforma

RUI JORGE CABRAL  
rcabral@acorianoriental.pt

O mês de agosto é um mês de férias por excelência. E é também uma altura para um maior abandono dos idosos por parte dos seus familiares. E há mesmo casos em que se aproveitam todas as pequenas complicações de saúde que os idosos possam ter para os levar para as unidades de saúde e esperar que eles passem lá uma 'temporada' fora da família.

"Há famílias que não se preocupam minimamente com as pessoas idosas e vão entregá-las às unidades de saúde, não aparecendo para ir buscar o idoso quando este tem alta médica ou fornecendo mesmo moradas e números de telefone falsos", alerta Helena Costa, gestora da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos Açores. Isto apesar de atualmente ser cada vez mais di-

fícil conseguir o internamento de um idoso numa unidade de saúde por complicações menores como o era há uns anos atrás.

O problema é fácil de diagnosticar para a gestora da APAV/Açores: "há famílias que, nesta altura do verão, sentem algum cansaço, sobretudo quando são cuidadoras de idosos com doenças como a de Alzheimer". O desgaste é tal, lembra Helena Costa, que nesta altura das férias "é normal que as famílias procurem um espaço só para si, não por não gostarem dos seus idosos, mas por não conseguirem lidar com a pressão. Mas há formas de fazer isso sem prejudicar a pessoa idosa, contactando com outros familiares ou mesmo pedindo a alguém de confiança que substitua o cuidador".

Mas a crise económica e o grande aumento do desemprego verificado nos Açores no final do ano passado e no início deste ano revelaram também outra realidade, oposta às situações de abandono acima descritas: a do 'regresso' de muitos idosos a casa dos seus filhos ou outros familiares, seja vindos da sua casa, seja vindos de lares, porque muitas vezes, em casas onde o desemprego se instalou, a reforma desse idoso, por escas-

sa que seja, ainda é uma forma essencial de sustento, mais ainda se a ela estiver associado um apoio da Segurança Social para os cuidadores a tempo inteiro.

"Agora vão-se buscar idosos aos lares e às casas onde viviam, não por as famílias quererem dar-lhes melhores condições de vida, mas sim porque o cheque da reforma é importante para o seu orçamento mensal", denuncia Helena Costa. À APAV/Açores, refere a sua gestora, chegam denúncias relativas a idosos que assinaram coisas que não conseguiram perceber bem o que eram - muitas vezes procurações para a venda dos bens - mas também situações de negligência e maus tratos. Denúncias que chegam de outros familiares que não os cuidadores do idoso, de vizinhos ou das instituições de saúde onde os idosos foram tratados.

A APAV/Açores presta apoios que podem ir da simples ajuda emocional - por exemplo em casos de furto - ao próprio acolhimento do idoso em situações de maus tratos, o que é difícil, sobretudo se for um acolhimento individualizado. O melhor é sempre quando se encontram soluções dentro da própria família. \*



**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

## Dezanove queixas por dia

→ **Relatório aponta mais de 76 mil  
queixas entre 2000 e 2011; víti-  
mas são sobretudo mulheres**

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) recebeu, em média, 19 denúncias de violência doméstica por dia, segundo dados divulgados ontem e que apontam para mais de 76 mil casos, nos últimos onze anos.

De acordo com o relatório estatístico da APAV, 76.582 pessoas recorreram aos serviços daquela instituição entre 2000 e 2011. O ano mais intenso foi o de 2002, altura em que a associação registou em média 20 casos por dia, num total de 7543 processos.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ■ DADOS REVELADOS PELA APAV

# Mais de três mil agrediram os pais

■ Aumenta número de denúncias de crimes praticados contra idosos e crianças

● JOANA NOGUEIRA

**M**ais de três mil pais (3380) foram agredidos pelos próprios filhos, em casa, entre 2004 e 2011, período temporal em que os pedidos de ajuda dirigidos à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) passaram de 299 para 591, numa tendência sempre crescente.

Segundo as estatísticas da associação divulgadas ontem, a grande maioria das vítimas, do sexo feminino, tem mais de 65 anos de idade, enquanto que a faixa etária dos agressores se situa entre os 18 e os 35 anos.

No topo da lista dos 7805 factos criminosos reportados à APAV, que pode envolver mais do que um crime, estão os maus-tratos psíquicos (2657 casos) e os maus-tratos físicos (2271). Queixas de cariz sexual são menos, mas têm aumentado. Em 2011, a APAV teve conhecimento de duas situações de abuso sexual, uma de natureza sexual, três de abuso sexual de pessoa incapaz e duas de coacção sexual. Num dos casos reportados, o filho matou um dos progenitores e em cinco situações registaram-se tentativas de homicídio.

Relativamente à violência



## ✚ PORMENORES

### ● DENÚNCIAS

A APAV recebeu, em média, 19 denúncias de violência doméstica por dia: 76 mil casos nos últimos onze anos.

### ● HOMICÍDIOS

Portugal tem uma taxa de 1,46 homicídios por cada 100 000 habitantes.

contra idosos, um crime que mais do que duplicou em onze anos, são as mulheres com idades entre os 65 e os 75 anos que mais sofrem. Em 33% dos casos, a vítima e o autor mantêm uma relação de cônjuge/companheiro, seguindo-se a relação de parentalidade (23,9%).

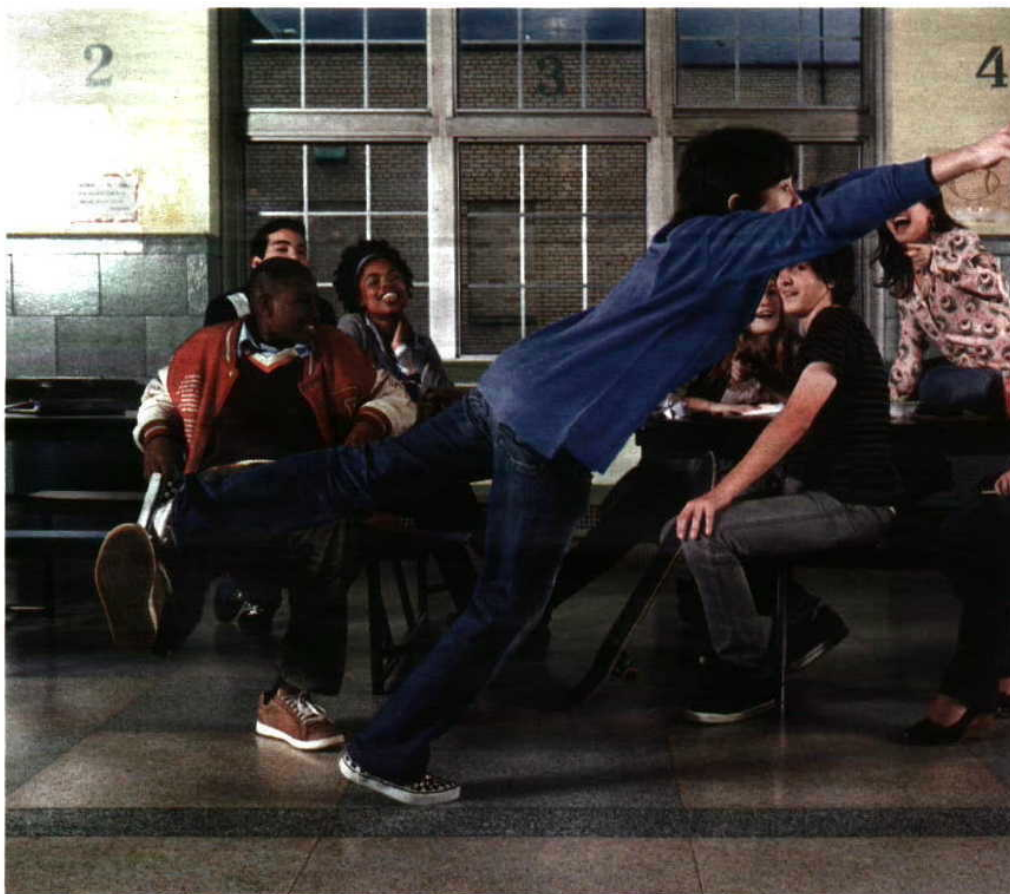
Segundo a APAV, entre 2000 e 2011 foram cometidos 1275 cri-

## Há 656 denúncias de crimes contra bebés até aos três anos

mes sexuais contra crianças e jovens, sendo que o abuso sexual, no contexto da violência doméstica, representa 544 pedidos de ajuda – 656 denúncias referem-se a bebés até três anos.

No contexto escolar, a violência aumentou 289% de 2005 a 2011, com 186 casos, atingindo sobretudo raparigas dos 11 aos 17 anos. ■





Crimes contra crianças nas escolas subiram 289% nos últimos sete anos

## Casos de filhos a bater nos pais aumentam 97% entre 2004 e 2011

APAV registou ainda um aumento de 289% nos crimes contra crianças na escola entre 2005 e 2011. Violência contra idosos aumentou 158%

**RICARDO PAZ BARROSO**  
*ricardo.barroso@ionline.pt*

O provérbio "Coisas de família, em família devem ficar", está ultrapassado. Nos últimos 11 anos chegaram à Associação Nacional de Apoio à Vítima (APAV) mais 172 mil crimes de violência doméstica que envolveram 76 582 vítimas. Os dados constam do relatório da associação ontem divulgado.

Os principais crimes reportados referem-se a maus-tratos psíquicos (50 mil queixas), maus-tratos físicos (46 mil) e ameaças e coacção (33 mil). Registraram-se ainda três mil casos de violação e abuso sexual.

No universo de famílias sina-

lizadas pela APAV houve 3380 pessoas a queixar-se, entre 2004 e 2011, de maus-tratos infligidos pelos filhos, o que se traduziu em 7805 factos criminosos, metade deles nas categorias de maus-tratos psíquicos e físicos.

**MÃES E FILHOS** A APAV constatou ainda que, em oito anos, foi registado um aumento processual de 97,7% neste tipo de violência doméstica. As mães são as principais vítimas, representando 59% dos processos abertos pela APAV, cabendo sobretudo aos rapazes (72%) o papel de agressor. Em termos etários, 40% dos pais agredidos têm mais de 65 anos, ao passo que, no caso dos agressores, um terço tem

entre 18 e 35 anos.

Mas há mais dados relevantes na análise estatística da associação: no caso dos crimes contra crianças ocorridos na escola registou-se uma subida de 289% entre 2005 e 2011. Se há sete anos a APAV registou nove casos, em 2011 o número disparou para 35, num total de 186 crimes praticados em contexto escolar. As raparigas, sobretudo entre os 11 e os 17 anos, são as principais vítimas.

Alargando o âmbito da análise, a APAV abriu 7387 processos de apoio a crianças e jovens vítimas de crime e violência entre 2000 e 2011, tendo sido detectados 11 261 factos criminosos. De novo foram as rapa-





GETTY IMAGES

rigas as principais vítimas, representando 60,6% do universo de queixosos, isto é, 4477 dos processos abertos. Dividindo as crianças e jovens por escalões etários, houve 811 vítimas entre os 0 e os 3 anos, 721 crianças entre os 4 e os 5 anos e 1992 situações entre os 6 e os 10 anos, embora a maioria tivesse entre 11 e 17 anos (52,3%). Os maus-tratos psíquicos dominam as queixas, seguidos dos maus-tratos físicos.

Os dados ontem revelados mostram que ainda prevalece a cultura do "sexo fraco", pois as mulheres são outra vez as protagonistas de violência contra idosos. Em 2011, as mulheres representaram 78,4% das 749 vítimas de violência contra idosos, que na sua maioria tinham entre 65 e 75 anos. Ainda em 2011, 62,6% dos agressores eram homens. Das 749 vítimas idosas registadas no ano passado, 273 (36,4%) foram agredidas pelos filhos e 193 (25,7%) foram-no pelos cônjuges.

Analisados os números de casos de idosos violentados entre 2000 e 2011, estas proporções invertem-se, pois dos 6249 factos criminosos registados pela APAV, 23% foram praticados pelos filhos, ao passo que os cônjuges foram responsáveis por 29% dos casos.



# Violência doméstica motiva 19 denúncias a cada dia

**Agressões** entre casal lideram a estatística da APAV, mas sobem denúncias de maus tratos sobre idosos

**Leonor Paiva Watson**  
leonorpaiva@jn.pt

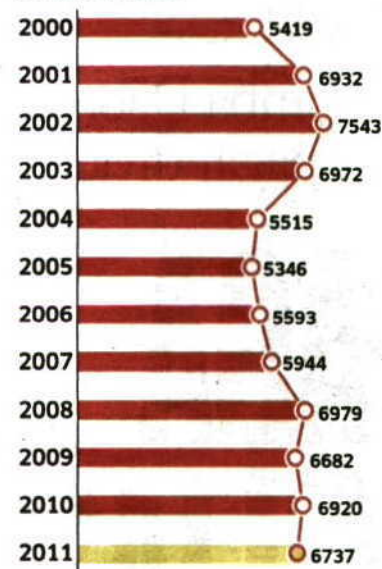
A APAV recebeu em média 19 denúncias diárias de violência doméstica, em 2011. Um total anual de 6737 casos, que se aproxima daquele que foi o pior ano da década: 2002, com 7563. A violência conjugal continua a liderar esta estatística, mas destaca-se agora o aumento de denúncias abusos em relação aos pais. Só em 2011 houve 580 casos reportados.

As agressões entre cônjuges (2420), companheiros (935), ex-cônjuges (410), ex-companheiros (482), namorados (114) e ex-namorados (166) somam 4527 casos. Isto é, a esmagadora maioria das situações de violência doméstica acontecem entre um casal ou ex-casal. Seguem-se as situações de violência doméstica sobre os filhos com 788 casos reportados em 2011. E depois, surpreendentemente, a violência sobre os pais, que aumentou 158% numa década e já registou 580 casos só em 2011.

"Temos cada vez mais denúncias de situações destas. E não são apenas de violência física ou verbal. Há situações de filhos que passam a controlar a reforma ou as contas bancárias dos pais. Isso é violência", explicou Daniel Cotrim, da Associação Portu-

## //VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

### Totais nacionais



FONTE: APAV INFOGRAFIA JN

### Relação vítima/autor do crime



### Natureza do crime



guesa de Apoio à Vítima. Aquele especialista destaca ainda as "situações que decorrem diretamente da crise, como, por exemplo, os idosos que são obrigados a saírem dos lares, porque a família precisa da mensalidade; ou os que recebem em casa os filhos desempregados com as suas famílias e são obrigados a irem dormir para o chão da sala ou da cozinha".

### 2011, um ano trágico

Uma realidade que regista um aumento exponencial em virtude da crise, mas também por causa da quantidade de pessoas encontradas mortas, muito tempo após o seu falecimento.

"Essas notícias que saíram no ano de 2011, um ano trágico, aumentaram a sensibilidade das pessoas para estes assuntos", disse.

## AS VÍTIMAS

### Mulheres mais sacrificadas

Observando a estatística na sua globalidade, percebe-se que em 83% das situações a vítima é mulher. As mulheres são as principais vítimas em situações de conjugalidade, mas também em situações de conflito com os filhos. Aqui são, igualmente, mais agredidas do que os homens, representando 59% dos casos.

**186**

### Vítimas nas escolas

Nos últimos sete anos, a APAV contabilizou 186 denúncias de menores que foram vítimas nas escolas. As principais vítimas são, outra vez, as raparigas.

Ainda assim, não é fácil. "É muito difícil para um idoso fazer queixa de um filho, porque a mentalidade dita que os pais devem sempre e em qualquer situação defendê-los. As pessoas acabam por aguentar até não poderem mais", partilhou.

Os números podem, portanto, estar aquém da realidade. Ainda assim, são já mais de três mil os pais que nos últimos oito anos foram mal tratados pelos filhos. Nesta estatística, as mães são as principais vítimas (59% dos casos denunciados) e os filhos rapazes os principais agressores (72% dos casos). Os números indicam, ainda, que quatro em cada dez situações registadas têm como vítimas pessoas com mais de 65 anos e que um terço dos agressores têm idades entre 18 e 35 anos. ●





# 1334 idosos agredidos pelos filhos

**Denúncias.** APAV recebeu queixas de violência física e psicológica, mas também de furto

PATRICIA JESUS

Procuraram ajuda porque os filhos lhes batiam, faziam chantagem emocional ou ameaças. Ao todo foram 3380 os pais vítimas de violência doméstica que se dirigiram à Associação de Apoio à Vítima (APAV) nos últimos oito anos – destes, 1334 eram idosos agredidos por filhos adultos.

Os maus tratos físicos são a principal queixa (2271), mas muitas vezes são acompanhados por maus tratos psicológicos (2657) e ameaças (1503). E de 2004 para 2001, os anos analisados nos relatórios da APAV divulgados ontem, o número de processos duplicou.

As vítimas são sobretudo mulheres e a maioria tem mais de 65 anos. Enquanto os agressores são maioritariamente homens (em 72% dos

casos). As idades variam muito, mas 201 agressores eram menores.

Nos últimos dois anos começaram ainda a aparecer novos tipos de crimes, como os pais a queixarem-se de violação do domicílio e da correspondência por parte dos filhos, devassa da vida privada e até de furto.

Houve ainda mais de 2000 idosos que procuraram a APAV por serem vítimas dos cônjuges, companheiros ou namorados. Aliás, em 33% das situações é essa a relação entre vítimas e agressores, só depois surgindo os problemas com os filhos. Nestes casos, as mulheres com idades entre os 65 e os 75 anos são o principal alvo.

Por outro lado, a APAV registou um total de 7387 processos de apoio a crianças e jovens vítimas de crime e de violência – nos últimos doze anos. São sobretudo as raparigas



LISA SOARES / GLOBAL IMAGENS

**Malor parte das vítimas são mulheres**

que recorrem à associação e mais de metade têm entre os 11 e os 17 anos.

Quase 190 crianças foram vítimas de crimes na escola – apenas nos últimos sete anos – sendo a maioria constituída por raparigas entre os 11 e os 17 anos. Entre 2005 e 2011 o número de queixas triplicou.

A violência doméstica continua a ser a principal razão para ir à APAV, que recebe, em média, 19 denún-

cias por dia de pessoas de todas as idades. Mas mais uma vez sobretudo de mulheres. Nos onze anos abrangidos, os casos de abuso sexual e violação representam mais de três mil crimes.

A APAV presta apoio às vítimas de crime, às suas famílias e amigos, de forma gratuita, em 17 gabinetes espalhados pelo país. É nesse âmbito que elabora as estatísticas das pessoas que atende, que representam sempre apenas uma parte das

## PROVEDOR

### Pais queixam-se de roubos de pensões

➤ A maioria dos idosos que se dirigem ao provedor de justiça queixam-se de que os filhos se aproveitam do seu dinheiro, revelou o DN em março deste ano. Em 2011, a Linha Cidadão Idoso registou 2682 chamadas. A negligência nos cuidados com os mais velhos, sobretudo por parte dos filhos, e situações de carência económica foram também alvo de um elevado número de denúncias. Lisboa, Porto, Aveiro, Setúbal, Leiria e Coimbra são os distritos onde são feitas mais chamadas. As mulheres são as que mais usam o serviço.

vítimas. Isso é visível, por exemplo, nas estatísticas de homicídio: a APAV registou, em 2011, 11 homicídios, 22 situações de homicídio tentado e quatro ocorrências de homicídio por negligência, no âmbito da categoria de crimes rodoviários. A Direção-Geral da Política de Justiça registou, no mesmo período, 117 casos de homicídio voluntário consumado e 528 situações de homicídio por negligência em acidentes de viação.



# Todos os dias acontecem mais de dois crimes de filhos contra pais

## Violência doméstica Andreia Sanches

**A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima fez balanço de oito anos: há mais filhos a regressar a casa dos pais e queixas estão a aumentar**

Os casos são cada vez mais: a crise está a levar muitos adultos, com filhos e família constituída, a regressar a casa dos pais. O apartamento às vezes é pequeno, não dá para toda a gente, não foi pensado para isso. A mãe, o pai, às vezes os dois, são forçados a sair do seu próprio quarto, para dar lugar aos filhos e aos netos. Por vezes, ficam a dormir na sala, eventualmente no chão. O desemprego torna o ambiente pesado. E há pais a pedir: "Pode falar com o meu filho para ver se ele fica mais bonzinho?"

Entre 2004 e 2011 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) abriu 3380 processos de apoio relacionados com pais que foram vítimas de crimes de violência doméstica por parte dos seus filhos. Estes processos traduziram-se num total de 7805 factos criminosos, segundo a APAV – frequentemente, uma mesma vítima é alvo de vários crimes. A média é de 2,7 por dia.

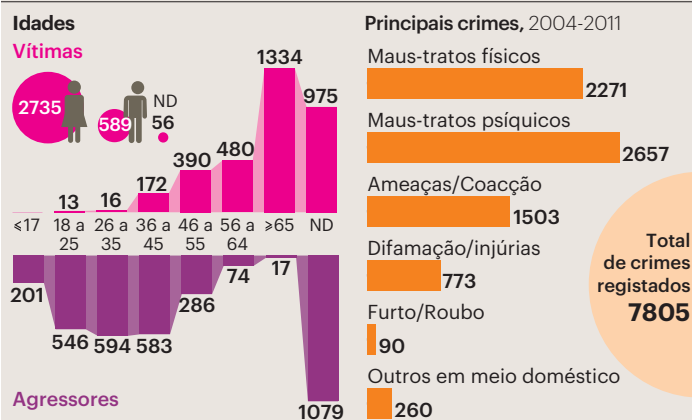
No ano passado, as denúncias dispararam: de 1030 crimes registados em 2010 para 1400, em 2011. Significa um aumento de 36% e quase 600 pais queixosos num só ano – em 80% dos casos, mães. Os dados constam de um balanço estatístico ontem divulgado pela organização não governamental.

Daniel Cotrim, psicólogo clínico na APAV, dá duas explicações para o que se está a passar: muitos destes pais vítimas são pessoas com alguma idade e, em 2011, a associação, em colaboração com a Direcção-Geral de Saúde, apostou em campanhas de sensibilização para a violência contra idosos. "Sempre que há mais informação há mais denúncias." É assim com todo o tipo de crimes e de vítimas – as pessoas ganham coragem.

Por outro lado, continua Daniel Cotrim, "o ambiente socioeconómico que se vive está a levar muitos filhos a regressar a casa dos pais – pais esses que são, muitas vezes, idosos".

Também há "filhos a retirar os pais dos lares onde estes viviam havia anos, porque a pensão passa a

## Filhos que agredem os pais



Fonte: Unidade estatística da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

ser necessária para sustentar a família; e filhos a pôr os pais a dormir no chão da cozinha." Tudo isto, diz o psicólogo, são situações reais, com as quais tem lidado directamente, no terreno, nos últimos tempos. "Temos a noção clara de que está a aumentar."

Pode não ser evidente para toda a gente, mas estes exemplos reais podem configurar crimes – "de negligência, de maus-tratos psíquicos", explica Daniel Cotrim.

A polícia não chega, contudo, a contactar com a maior parte das situações. Muito menos estas chegam aos tribunais. "As pessoas não querem prejudicar os filhos. Procuram as organizações, sim, mas para falar, porque muitas vezes não têm mais com quem falar. Algumas

As pessoas tendem a desculpabilizar os filhos, continua o psicólogo. "Ele está desempregado, anda tão nervoso", dizem."

## Homens agredem mais

Em 2011, sete em cada dez agressores foram homens, tendência que se regista, de resto, desde que estes dados começaram a ser compilados num boletim a que a APAV chama "Filhos que agredem os pais" (**ver gráficos**).

Os maus-tratos psíquicos são os mais frequentes (2657 crimes em oito anos, 440 só no ano passado) seguidos dos maus-tratos físicos (400 em 2011).

Ontem, a associação, cuja linha telefónica de apoio é o 707 2000 77, divulgou ainda um conjunto de outros relatórios, com séries estatísticas sobre a sua actividade. Nos últimos 11 anos, a APAV acompanhou 76.582 vítimas do crime de violência doméstica. Em 2011, houve uma diminuição (de 6920 para 6737). Ainda assim, a associação apoiou, por semana, cerca de 19 mulheres; 15 crianças e jovens e duas pessoas idosas.

Muitas vítimas procuram apenas orientação e apoio dos técnicos da associação – umas vezes para gerir as crises, outras para, de facto, mudar de vida – e menos ajuda para fazer uma denúncia às autoridades. No entanto, o relatório sobre homicídios revela que alguns casos acabam assim: em 2011, a associação registou 22 situações de homicídio tentado; 11 homicídios consumados e quatro por negligência no âmbito da categoria de crimes rodoviários. Algumas destas pessoas estavam a ser acompanhadas.

# 3380

**É o número de pais agredidos pelos filhos que recorreram à APAV, mesmo sem terem feito queixa à polícia**

vezes pedem: 'O doutor pode falar com ele [filho], para ver se ele fica bonzinho?' Têm-me pedido isso."

O que faz a APAV perante estes pedidos? Não contacta a família. "Sabemos que se o fizermos, isso pode ter consequências e comprometer ainda mais a segurança das vítimas. Mas temos muitas pessoas a quem fazemos um acompanhamento quase diário, seja presencial, seja por telefone", diz Cotrim, "sobretudo nos períodos do dia em que os filhos estão em casa".



# APAV receives 19 domestic violence cases per day



Around 19 cases of domestic violence are reported each day to the Portuguese Victim Support Association (APAV), according to a report released on Wednesday that revealed more than 76,000 cases during the past 11 years.



Figures released this week show that an average of 19 cases of domestic violence are reported in Portugal each day. (Photo: Manuel de Almeida/LUSA)

A total of 76,582 people contacted APAV for help between 2000 and 2011 according to the association's statistical report.

The most intense period was in 2002, when APAV received an average of 20 reports per day, leading to a total 7,543 cases that year.

Victims are often subject to several crimes at once, which is why APAV recorded a total 172,000 domestic violence

cases during the 11 years, with around 50,000 of these being psychological abuse, 46,000 being physical abuse and more than 33,000 linked to threats and blackmail.

There were also more than 3,000 cases of sexual abuse and rape recorded.

Victims are usually women (in 2002, women represented 90 percent of cases), aged between

26 and 45, with the aggressors normally adult men of the same age range. In more than half of the cases, the aggressors are the victim's partners.

Between 2000 and 2011, APAV received 656 reports related to babies and children up to three years of age, 586 cases of violence against children aged between four and five, and 1,551 cases against children aged six to 10.

**Violência****3 perguntas...**

... a **Daniel Cotrim**, 39 anos, psicólogo e assessor da direção da APAV-Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, sobre filhos que agredem os pais. De 2004 a 2011, houve 3 380 denúncias, das quais 1 334 feitas por idosos.

**O que leva um filho a maltratar um progenitor?**

Pensam «vingar-se» de tudo o que não lhes deram em criança. Há casais que, ao perderem o emprego, voltam para casa dos pais, e põem-nos a dormir no chão. Outros tiram-nos dos lares, levam-nos para suas casas e obrigam-nos a cuidar dos netos.

**Em que estado chegam as vítimas à APAV?**

Desesperadas, em depressão e com medo de voltar para casa. Mas os idosos não revelam tudo, minimizam... Só 10% das pessoas aparecem com marcas físicas visíveis. O silêncio é o companheiro do agressor.

**Após a denúncia, qual é o apoio dado?**

A APAV não investiga, isso é da competência das autoridades. Damos apoio psicológico, social e jurídico. Avaliamos o grau de risco – se pode voltar para casa em segurança –, fazendo a ponte entre a polícia (para que efetue rondas), os apoios domiciliários ou a assistência social. Retirar uma pessoa de casa é o fim da linha.





Drama

Florbela Queiroz teme pela vida

# "SE MORRER, JÁ SABEM..."

**A atriz, que revelou recentemente ser maltratada pela nora, veio, mais uma vez, desabafar no Facebook que está a ser vítima de ameaças por parte do filho.**

**H**A cerca de duas semanas a atriz deu uma entrevista à *TV 7 Dias*, na qual revelou que tem sido vítima de violência doméstica por parte da nora, dentro da própria casa, perante a passividade do filho. Florbela Queiroz revela que fez queixa na APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) e que, depois disso, também já entregou o caso às autoridades. Após ter ido à televisão falar da sua situação, a conceituada atriz diz que continua a ser vítima de ameaças por parte do filho, Manuel Queiroz e, no passado dia 8 de agosto, publicou no seu mural do Facebook um *post* onde denunciava: "Amigos imaginem (só imaginem) um filho de olhos esbugalhados, de manhã, antes de

ir trabalhar, a dizer à mãe (se alguma coisa acontecer à miúda, ao cão ou a mim...) já tenho uns "rapazes amigos", não como os que te trazem depois dos espetáculos que te vão pôr linda. E uma rapariga que leva a noite, de duas em duas horas, a dar pontapés na porta do vosso quarto. Amigos, é preciso ter uma grande força, ser muito positiva e, sobretudo, acreditar que lá em cima alguém olha por nós..." Posto isto, vários amigos e fãs fizeram questão de mostrar solidariedade para com a atriz. Há mesmo quem a aconselhe a sair de casa, mas Florbela Queiroz recusa-se a tomar tal atitude e desabafa: "Esta é a minha casa há 50 anos. Daqui só saio morta e se morrer, já sabem..."

Florbela Queiroz diz já ter apresentado queixa na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

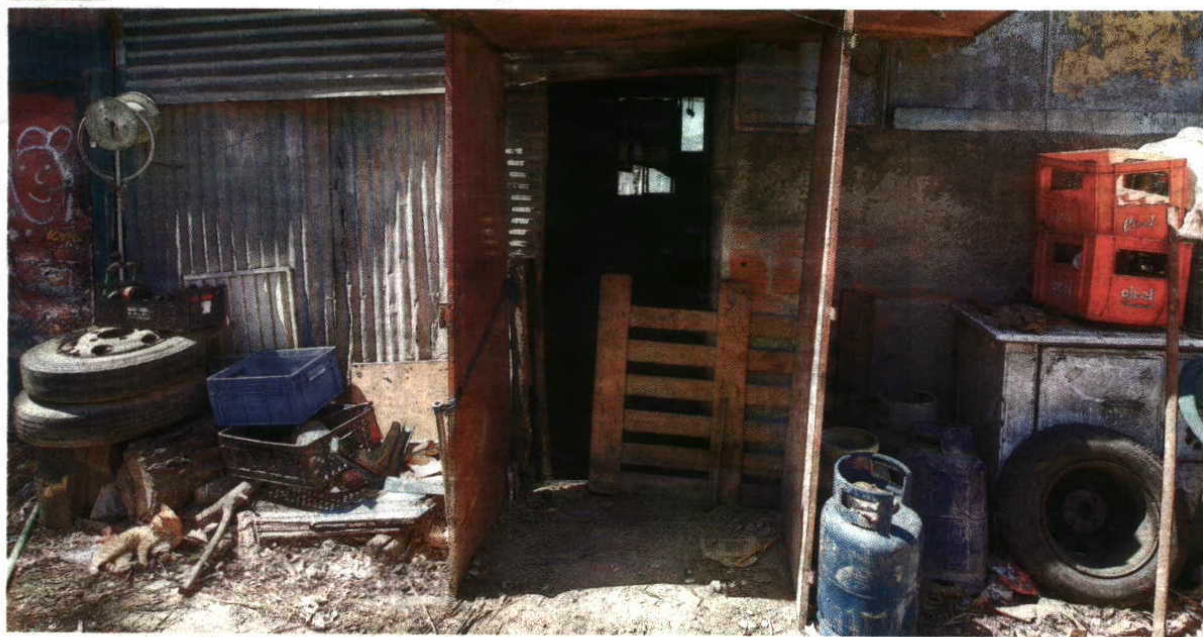
**Florbela Queiroz** Esta é. A minha casa há 50 anos daqui só saio morta, e se morrer já sabem

**A atriz está preocupada e revela que o filho, Manuel, a tem ameaçado**

Amigos imaginem: (só imaginem) um filho de olhos esbugalhados, de manhã antes de ir trabalhar, dizer-lhe mãe (se alguma coisa acontecer à miúda ao cão ou a mim qualquer coisa) eu já tenho uns "rapazes amigos" não como os que te trazem depois dos espetáculos que te vão pôr linda. E uma rapariga que leva a noite 2 em 2 horas a dar pontapés na porta do vosso quarto. Amigos é preciso ter uma grande força: a ser muito positiva, e sobretudo acreditar que lá em cima alguém olha por nós! Inês

Florbela Queiroz, volta ao palco em Porto Covo, Vila Nova de Mil Fontes e Ferragudo, esta quinta, sexta e sábado, respectivamente em «Crisis, Sexo e Facebook» com o Marisa Carvalho e Tito Pinto, numa produção do Teatro Azul. — com Marisa Carvalho e 8 outras pessoas.





Antes de ter sido atingido a tiro, António José terá investido com um trator contra o barracão onde os filhos dormiam

# Jovem mata pai para defender irmãos ameaçados de morte

**Sintra.** António José teria ameaçado a família com uma faca. Depois tentou destruir barracão com trator. Um dos filhos disparou a caçadeira e acertou-lhe no abdómen. Entregou-se à PSP

LUÍS FONTES

"Se não fosse ele éramos nós. Mais cedo ou mais tarde isto tinha de acontecer." Com lágrimas nos olhos, um dos irmãos de Hugo, o jovem que está acusado de ter matado o pai ao final da noite de quarta-feira, olha para o local onde o crime sucedeu e desabafa: "O meu irmão está de consciência tranquila. Espero que se safe para nos ajudar." A partir deste momento fica-se e nem como se chama diz, fica em silêncio.

A solidariedade dos irmãos é uma das poucas coisas com que Hugo pode contar. Para já está detido, depois de se ter entregado na esquadra da PSP de Mira Sintra, pelas 00.30 de ontem, após ter matado o pai, de 50 anos, com um tiro de caçadeira, na aldeia de Tala, em Aqualva-Cacém, Sintra. Hoje deverá ser presente ao Tribunal de Sintra para aplicação de medidas de coação.

"O jovem quando se entregou à PSP estava bastante calmo. Disse que o pai os queria matar e que estaria a tentar entrar no barracão com um trator. Afirmou ainda que estava armado com uma faca", disse ao DN fonte policial.

António Alves, pai da vítima mortal António José, conhecia as ameaças do filho à família. Foi no recinto onde guarda o gado – onde filho e netos viviam em condições

degradantes – que o crime aconteceu. Maria Ventura, tia e madrinha da vítima, também estava a par da situação de violência com que a família era confrontada: "O António José quando bebia era muito violento. Na família todos bebiam e à noite aquilo tornava-se perigoso. Ontem, o rapaz para defender os irmãos deu um tiro no pai."

Na esquadra da PSP as queixas de acumulação de violência doméstica acumulavam-se. "Foram feitas pelo menos duas por parte da mulher e dos filhos. Trata-se de uma família disfuncional", sintetizou fonte da polícia.

Os quatro irmãos encontravam-se no barracão quando ouviram o pai ligar o trator e investir contra o local onde iriam dormir. António José acelerou e chegou mesmo a embater na porta junto à qual se encontrava um dos irmãos mais jovens da família. Hugo, segundo contou à PSP, depois de ter sido ameaçado com uma faca barricou-se no barracão. Após o pai

embater nas chapas com o trator saiu com uma caçadeira carregada. Fez um disparo que acertou num braço e na zona do abdómen do pai.

"O meu irmão está de consciência tranquila. Espero que se safe"

## APAV

### 14 mortos este ano por violência doméstica

Desde janeiro que 14 vítimas de violência doméstica perderam a vida, menos 36% face ao período homólogo do ano passado. Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em 2011 registaram-se 22 homicídios. As mulheres são as principais vítimas, correspondendo a 83% dos casos registados. Apesar do decréscimo da taxa de violência doméstica, o número de queixas por parte do sexo masculino

aumentou em 56%: de 579 em 2010 para 904 em 2011. Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (IASI) de 2011, os homens representam 18% das vítimas de violência doméstica. Informações divulgadas este mês pela APAV revelam que a associação recebe 19 denúncias de violência doméstica, em média, por dia. De 2000 a 2011 a APAV registou 76 582 pedidos de ajuda.

"Quando a PSP chegou estava morto sentado no trator", explicou fonte policial. Os agentes da esquadra de Mira Sintra que se deslocaram ao local do crime apreenderam a arma de fogo e também a faca com que o pai alegadamente terá ameaçado os filhos.

"Aquilo é uma desgraça com a bebida. A mãe dos nove filhos também levava muita porrada. Há pouco tempo chegou a sair de casa com o filho mais novo, de cinco anos, mas de vez em quando ainda lá ia dormir", adiantou a tia da vítima, Maria Ventura, que lamenta a morte do sobrinho mas também o futuro de Hugo: "Ele entregou-se à polícia mas agora tem a vida estragada."

A família, ainda segundo Maria Ventura, vive de pequenos expedientes. "Vivem do negócio do meu irmão António que faz comércio de animais. Tinha mais de 100 cabras mas há pouco tempo um comboio matou-lhe mais de 20. Agora morre-lhe o filho ainda por cima com um tiro do neto", lamentava mulher.

O corpo de António José foi transportado para o Instituto Nacional de Medicina Legal onde será autopsiado. A PSP apreendeu as armas e chamou a brigada de homicídios da Polícia Judiciária que vai investigar os contornos deste caso. Elementos do Laboratório de Polícia Científica também estiveram no local a recolher vestígios.

## OUTROS CASOS

### 18 DE AGOSTO DE 2012

► A Polícia Judiciária da Guarda deteve um jovem, de 18 anos, de nacionalidade portuguesa mas emigrante no Luxemburgo, pela tentativa de homicídio do pai. O crime ocorreu em Seia, "num quadro de violência doméstica reiterada por parte da vítima, indivíduo com problemas de alcoolismo crónicos, para com a sua família", informou a P.J. Depois de uma desavença, o filho disparou dois tiros à queima-roupa contra o pai, um dos quais o atingiu com gravidade no abdómen.

### 25 DE JANEIRO DE 2011

► Um adolescente de Pampilhosa da Serra matou o pai à catanosa, enquanto este dormia no sofá da habitação. O mau relacionamento com o pai e um mau ambiente familiar, que incluíam maus-tratos psicológicos à mulher, que sofria de Parkinson, terão espoletado o violento episódio protagonizado pelo jovem de 16 anos.

### 5 DE JULHO DE 2010

► Já havia três queixas por violência doméstica à PSP, quando o jovem de 17 anos matou o padrasto, de 33 anos, com três facadas nas costas, em Aqualva, Sintra. À data, testemunhas relataram que o homem passava os dias a beber e a agredir a mulher com quem vivia há 11 anos.

### 27 DE JANEIRO DE 2009

► Um jovem de 22 anos matou o pai, alcoólico – que o terá ameaçado com uma catana –, desferindo-lhe um golpe mortal de machado na cabeça. A vítima batia na mulher e nos três filhos, mas a esposa, vítima de violência doméstica, tinha fugido de casa, em Porto Salvo (Oeiras), há cerca de um mês. O filho continuou a morar na habitação, alegadamente por ter receio que o pai a destruísse. "A morte do meu marido foi um alívio", chegou a descrever a mulher ao DN.

### 14 DE AGOSTO DE 1994

► Durante quase 20 anos uma mulher foi vítima dos maus-tratos do marido, que constantemente levavam à intervenção do filho mais novo, de 21 anos. Uma discussão entre pai e filho culminou na morte do primeiro, na freguesia de Branca, em Albergaria-a-Velha.

### 15 DE JANEIRO DE 1993

► Após um longo historial de violência doméstica perpetrado pelo pai alcoólico, um jovem matou o pai com quatro facadas na residência da família em Guifões, Matosinhos. A mãe chegou a ser esfaqueada pelo marido e o queimada com pontas de cigarro. O agressor tinha 19 anos quando cometeu o crime.



ID: 43369132

21-08-2012



- **Pulseira eletrônica** aplicada em 771 suspeitos ou condenados por diversos crimes
- **Estado poupa** cerca de 30 euros em cada recluso com este sistema de vigilância

# MAIS PRESOS EM CASA EM LISBOA

**Susana Otão**  
susana.otao@jn.pt

Atualmente, são 771 as pessoas que se encontram em prisão domiciliária, em Portugal, com pulseira eletrônica. O maior número de casos (244) regista-se na Área Metropolitana de Lisboa. O Norte vem a seguir.

Segundo dados oficiais da Direção-Geral dos Serviços Prisionais (DGSP), são 244 os suspeitos de crimes que se encontram sujeitos a vigilância eletrônica na zona de Lisboa, proibidos de sair de casa e de encetar contactos com o exterior.

Um desses casos e dos mais mediáticos é o de Duarte Lima, ex-deputado do PSD, arguido num processo de burla qualificada, branqueamento de capitais e fraude fiscal e que permanece na sua luxuosa casa, na Avenida Visconde de Valmor, no centro da capital. Outro que também teve pulseira foi Oliveira e Costa, fundador do BPN.

A zona Norte do país conta com 236 casos sob vigilância eletrônica, o Centro com 119 casos, o Sul tem 70 indivíduos presos em casa e as Regiões Autónomas contam

com 42 situações de arguidos privados da liberdade, mas a cumprir a medida de coação nas suas casas.

## Estado poupa

Com a vigilância eletrônica que obriga à permanência na residência, o Estado poupa em média, por recluso, cerca de 30 euros. Segundo os dados da DGSP, a que a Agência Lusa teve acesso, e que referem valores de 2011, a vigilância eletrônica convencional custa 16,35 euros por cidadão, enquanto o custo médio diário de um recluso numa cadeia é de 47,81 euros.

Das 771 pessoas em vigilância eletrônica neste momento em Portugal, 500 delas es-

tão obrigadas a ficar no interior da residência, em cumprimento de uma medida de coação. As restantes encontram-se mesmo a cumprir pena de prisão após condenação.

A taxa de sucesso da vigilância eletrônica, que pretende reduzir a reincidência criminal através da supervisão intensiva inerente e a retirada do arguido ou condenado do meio criminal, apontam para uma percentagem acima dos 90%, desde 2007.

Note-se ainda que entre janeiro e junho deste ano, a taxa de sucesso foi de 97%, o que significa que apenas 3% dos detidos em vigilância eletrônica infringiram as regras.

COM LUSA

## VIOÊNCIA DOMÉSTICA COM CENTENA DE CASOS

Segundo os dados avançados pela Associação de Apoio à Vítima (APAV) existem em Portugal 99 pessoas que se encontram com pulseira eletrônica por crimes de violência doméstica. Segundo aquela associação, foram recebidas, em média, 19 denúncias de violência doméstica por dia, o que aponta para mais de 76 mil casos,

nos últimos 11 anos. Só no ano passado, a APAV recebeu 591 casos de pedidos de ajuda, em situações de violência doméstica contra mulheres, homens, crianças e idosos. A pulseira eletrônica pode, para além de ser utilizada enquanto medida de coação, servir na fiscalização da proibição de contactos entre a vítima e o agressor.

**Duarte Lima**  
está preso com pulseira eletrônica desde maio, quando saiu da cadeia

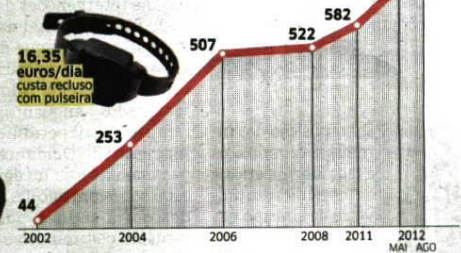


**Oliveira e Costa** esteve preso 16 meses em casa com pulseira. Está proibido de sair do país



## //PULSEIRA ELETRÔNICA

Evolução POR ANO



Números de dispositivos POR REGIÃO



Como funciona a pulseira eletrônica MONITORIZAÇÃO DO ARGUIDO

- 1 **Dispositivo Identificação Pessoal (pulseira)**  
É colocado no tornozelo do arguido ou no pulso, em casos excecionais. Está equipado com sensores térmicos
- 2 A pulseira emite sinais rádio quase permanentes, que são captados pela unidade de monitorização local. Esta unidade é colocada em casa do arguido e verifica que a pulseira está dentro do seu raio legal, retransmitindo informação para o Centro de Vigilância
- 3 As unidades de monitorização local emitem para um equipamento central, que regista e reenvia informação para as unidades operativas

FONTE: DIREÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS PRISIONAIS INFOGRAFIA JN



## Quase 800 presos em casa em todo o país

# Nos Açores e Madeira são 42 presos com pulseira



Quase uma centena de pessoas encontra-se actualmente em prisão domiciliária com pulseira electrónica, em Portugal, por

crimes doméstica, encontrando-se obrigadas a ficar em casa e com proibição de contactos.

Segundo dados divulgados este mês pela

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), e citados em notícia da Lusa, a associação recebe uma média de 19 denúncias de violência doméstica por dia, o que aponta para mais de 76 mil casos, nos últimos 11 anos.

Só no ano passado, a APAV recebeu 591 casos de pedidos de ajuda por violência doméstica.

Ainda segundo os dados dos serviços prisionais, a maioria das 771 pessoas que se encontram em vigilância electrónica situa-se na área metropolitana de Lisboa (244), seguindo-se o Norte (236), o Centro (119), o Sul (70) e as Regiões Autónomas (42).

Com a vigilância electrónica que obriga à permanência na residência, o Estado poupa uma média, por pessoa, superior a 30

euros.

Segundo a DGSP, tendo em conta valores de 2011, a vigilância electrónica convencional fica a 16,35 euros, enquanto o custo médio diário de um recluso é de 47,81 euros.

Das 771 pessoas em vigilância electrónica neste momento, em Portugal, 500 delas estão obrigadas a ficar em casa, em cumprimento de uma medida de coacção.

Quanto à taxa de sucesso da vigilância electrónica, os serviços prisionais apontam para uma percentagem sempre acima dos 90%, desde 2007.

Entre Janeiro e Junho deste ano, a taxa de sucesso foi de 97%, o que significa que apenas 3% dos detidos em vigilância electrónica infringiu as regras.





LISA SOARES/OLIOBAL/IMAGENS

Maioria dos idosos teme ser assaltado e agredido na sua própria casa

## Idosos são quem mais receia a criminalidade

**Segurança.** APAV divulgou ontem conclusões de um estudo, que evidencia um maior nível de insegurança nas populações do Algarve.

CYNTHIA VALENTE

São os idosos quem mais sofre com o medo de poder vir a ser vítima de um crime. A conclusão é da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), que realizou um estudo sobre criminalidade e insegurança (em parceria com a Intercampus). Das mais de 600 pessoas inquiridas, 246 admitiram ter receio de vir a ser vítima de um assalto ou de uma agressão e mais de trezentas receiam que a sua casa seja assaltada. Cerca de 20% da amostra diz mesmo ter receio de ser agredida dentro da sua própria casa.

Este "fardo" e sentimento de insegurança é mais significativo entre as mulheres (60%) e os idosos (56%), e ainda mais acentuado na população residente no Algarve

(64%). João Lázaro, vice-presidente da APAV, referiu ontem em conferência de imprensa que "essa preocupação pode ter consequências tão micro no dia a dia de cada um, principalmente dos mais idosos, ao ponto de afetar as suas redes sociais ou o seu convívio".

"É realmente um fardo, uma nuvem que os cidadãos portugueses carregam nas suas comunidades, o receio do crime, e também no impacto que os crimes existentes provocam nas comunidades", explicou.

Segundo a APAV, os algarvios são os mais afetados, o que pode estar relacionado com o aumento de assaltos a residências naquela zona do País.

O estudo divulgado ontem indica também que 5% dos inquiridos dizem ter sido vítimas de um assalto, de uma agressão ou de

outro tipo de crime.

Na opinião de João Lázaro, os números divulgados revelam ainda uma relação entre as taxas efetivas de criminalidade e o receio de vir a ser vítima de crime. "O sentimento de insegurança e de preocupação com o crime continua a ser uma prioridade e uma preocupação dos portugueses no seu dia a dia, que claramente afeta a qualidade de vida de todos nós", sublinhou o vice-presidente da APAV.

O barómetro APAV/Intercampus sobre criminalidade e insegurança foi realizado com base em entrevistas telefónicas a 601 pessoas distribuídas pelo Norte (221), Centro (143), Lisboa (166), Alentejo (45) e Algarve (26), a indivíduos com 15 ou mais anos, residentes em Portugal continental, entre os dias 1 e 15 de março deste ano. **com Lusa**



## FRASE

Receio de ser  
vítima de crime é uma preocupação dos portugueses e influencia negativamente a qualidade de vida das populações

**João Lázaro**  
Director executivo  
da APAV





**ESTUDO DA APAV****Assaltos assustam**

■ Um estudo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em colaboração com a Intercampus, concluiu que 52 por cento dos portugueses receiam ver a sua casa assaltada e 64% teme que o seu veículo seja alvo de furto ou dano. O mesmo estudo revela que uma em cada 20 pessoas foi vítima de um crime no último ano.



ID: 43386709

22-08-2012

# Portugueses temem ser assaltados ou agredidos

Os dados são do barómetro APAV/Intercampus, sobre criminalidade e insegurança, abrangendo 601 pessoas

LUSA  
Açoriano Oriental

Uma em cada vinte pessoas inquiridas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) admitiu ter sido alvo de um assalto, agressão ou outro crime no último ano, havendo 313 com receio que a casa seja assaltada. Os dados são do barómetro

APAV/Intercampus, sobre criminalidade e insegurança, realizado com base em entrevistas telefónicas a 601 pessoas distribuídas pelo Norte (221), Centro (143), Lisboa (166), Alentejo (45) e Algarve (26).

De acordo com o barómetro, “cinco por cento (32 respondentes) da amostra inquirida afirmou ter sido vítima de assalto, agressão ou outro crime nos últimos 12 meses”.

Das pessoas que responderam afirmativamente, constata-se que 53 por cento são mulheres e 47 por cento são homens, situando-se a percentagem mais elevada (38 por cento) na faixa etária entre os 25 e os 44 anos.



ARQUIVO AO

Mais de 30 pessoas admitiram ter sido vítimas de crime

Por outro lado, há também 52 por cento dos inquiridos que revelam ter receio de que a sua residência venha a ser assaltada, contra 45 por cento que diz que não. Aqui, o receio é mais enfatizado “junto dos inquiridos do sexo feminino e da população com 25 e mais anos de idade”. Apesar disso, “apenas 19 por cento (117) considera a zona onde reside como perigosa ou insegura”, sendo que esse sentimento de insegurança “é exponencialmente mais elevado durante a noite”.

Dentro dos que consideram a sua zona de residência perigosa, 56 por cento são mulheres e 37 por cento têm 65 ou mais anos de idade. Entre estes, 58 por cento consideram a zona de residência mais perigosa durante a noite, 31 por cento de dia e de noite, e 6 por cento de dia. No que diz respeito a assaltos ou agressões, 58 por cento dos 601 inquiridos revelaram não ter receio de ser assaltado ou agredido. ♦





ID: 43386728

22-08-2012

# Uma em cada 20 pessoas admite ter sido vítima de crime em 2011

**Uma em cada 20 pessoas inquiridas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) admitiu ter sido alvo de um assalto, agressão ou outro crime no último ano, havendo 313 com receio que a casa seja assaltada.**

Os dados são do barómetro APAV/Intercampus, sobre criminalidade e insegurança, realizado com base em entrevistas telefónicas a 601 pessoas distribuídas pelo Norte (221), Centro (143), Lisboa (166), Alentejo (45) e Algarve (26).

De acordo com este barómetro, “cinco por cento (32 respondentes) da amostra inquirida afirmou ter sido vítima de assalto, agressão ou outro crime nos últimos 12 meses”.

Das pessoas que responderam afirmativamente, constata-se que 53 por cento são mulheres e 47 por cento são homens, situando-se a percentagem mais elevada (38 por cento) na faixa etária entre os 25 e os 44 anos.

Por outro lado, há também 52 por cento dos inquiridos que revelam ter receio de que a sua residência venha a ser assaltada, contra 45 por cento que diz que não.

Aqui, o receio é mais enfatizado “junto dos inquiridos do sexo feminino e da população com 25 e mais anos de idade”.

Apesar disso, “apenas 19 por cento (117) considera a zona onde reside como perigosa ou insegura”, sendo que esse sentimento de insegurança “é exponencialmente mais elevado durante a noite”.

Dentro dos que consideram a sua

zona de residência perigosa, 56 por cento são mulheres e 37 por cento têm 65 ou mais anos de idade.

Entre estes, 58 por cento consideram a zona de residência mais perigosa durante a noite, 31 por cento de dia e de noite, e 6 por cento de dia.

No que diz respeito a assaltos ou agressões, 58 por cento dos 601 inquiridos revelaram não ter receio de ser assaltado ou agredido, sendo este receio mais acentuado entre as pessoas com 65 ou mais anos (52 por cento) e entre as pessoas que vivem nas regiões do Algarve (50 por cento), Lisboa (46 por cento) e Centro (45 por cento).

Entre as pessoas que receiam ser assaltadas ou agredidas (41 por cento), a zona onde residem aparece como um dos locais onde esse receio se acentua, admitindo 57 por cento que têm mais medo durante a noite.

Do total de inquiridos, 121 (cerca de 20 por cento) dizem mesmo ter receio de serem agredidas dentro da própria casa, destacando-se aqui, neste conjunto, os indivíduos de sexo feminino (60 por cento) e dentro da faixa etária entre os 45 e os 64 anos (36 por cento).

Entre o total de inquiridos, 327 admitiram ter receio de que o seu veículo seja roubado, sendo esse receio maior entre as mulheres (51 por cento) e en-

tre as pessoas com idades entre os 25 e os 44 anos (42 por cento).

O barómetro APAV/Intercampus foi realizado com base em 601 entrevistas telefónicas a indivíduos com 15 ou mais anos de idade, residentes em Portugal Continental, entre os dias 1 a

15 de março de 2012.

A Intercampus é uma empresa de estudos de mercado cuja função passou não só pela realização dos questionários, como também pelo trabalho de campo levado a cabo por 25 entrevistadores.





# Mais de 30 pessoas admitiram à APAV ter sido vítimas de crime no último ano - Barómetro

Uma em cada vinte pessoas inquiridas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) admitiu ter sido alvo de um assalto, agressão ou outro crime no último ano, havendo 313 com receio que a casa seja assaltada.

Os dados são do barómetro APAV/Intercampus, sobre criminalidade e insegurança realizado com base em entrevistas telefónicas a 601 pessoas distribuídas pelo Norte (221), Centro (143), Lisboa (166), Alentejo (45) e Algarve (26).

De acordo com este barómetro, “cinco por cento (32 respondentes) da amostra inquirida afirmou ter sido vítima de assalto, agressão ou outro crime nos últimos 12 meses”.

Das pessoas que responderam afirmativamente, constata-se que 53 por cento são mulheres e 47 por cento são homens, situando-se a percentagem mais elevada (38 por cento) na faixa etária entre os 25 e os 44 anos.

Por outro lado, há também 52 por cento dos inquiridos que revelam ter receio de que a sua residência venha a ser assaltada, contra 45 por cento que diz que não.

Aqui, o receio é mais enfatizado “junto dos inquiridos do sexo feminino e da população com 25 e mais anos de idade”.

Apesar disso, “apenas 19 por cento (117) considera a zona onde reside como perigosa ou insegura”, sendo que esse sentimento de insegurança “é exponencialmente mais elevado durante a noite”.

Dentro dos que consideram a sua zona de residência perigosa, 56 por cento são mulheres e 37 por cento têm 65 ou mais anos de idade.

Entre estes, 58 por cento consideram a zona de residência mais perigosa durante a noite, 31 por cento de dia e de noite, e 6 por cento de dia.

No que diz respeito a assaltos ou agressões, 58 por cento dos 601 inquiridos revelaram não ter receio de ser assaltado ou agredido, sendo este receio mais acentuado entre as pessoas com 65 ou mais anos (52 por cento) e entre as pessoas que vivem nas regiões do Algarve (50 por cento), Lisboa (46 por cento) e Centro (45 por cento).

Entre as pessoas que receiam ser assaltadas ou agredidas (41 por cento), a zona onde residem aparece como um dos locais onde esse receio se acentua, admitindo 57 por cento que têm mais medo durante a noite.

Do total de inquiridos, 121 (cerca de 20 por cento) dizem mesmo ter receio de serem agredidas dentro da própria casa, destacando-se aqui, neste conjunto, os indivíduos de sexo feminino (60 por cento) e dentro da faixa etária entre os 45 e os 64 anos (36 por cento).







22-08-2012

## Mais de 30 pessoas admitiram ter sido vítimas de crime

Uma em cada vinte pessoas inquiridas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) admitiu ter sido alvo de um assalto, agressão ou outro crime no último ano, havendo 313 com receio que a casa seja assaltada.

Os dados são do barómetro APAV/Intercampus, sobre criminalidade e insegurança, divulgado ontem, realizado com base em entrevistas telefónicas a 601 pessoas distribuídas pelo Norte (221), Centro (143), Lisboa (166), Alentejo (45) e Algarve (26).

*Redação/Lusa*

## Portugueses receiam assaltos às habitações

■ O receio de ser vítima de um crime é um «fardo» que afecta o dia-a-dia, principalmente dos mais idosos, e se torna numa «nuvem» que afecta a vida social, alerta a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

Dados do barómetro APAV/Intercampus sobre criminalidade e insegurança, divulgados ontem, revelam que, entre as 601 pessoas inquiridas, 246 (41%) têm receio de ser assaltadas ou agredidas e 312 (52%) receiam que a sua casa seja assaltada.

Um receio mais vincado entre as mulheres (60%), entre as pessoas com idades entre os 45 e os 64 anos (59%) ou com 65 ou mais anos (56%) e principalmente entre os residentes no Algarve (64%).

O barómetro indica também que há também 32 pessoas (5% dos inquiridos) que dizem ter sido vítimas de um assalto, de



**CASA ASSALTADA é o crime mais temido (52%) em Portugal**

uma agressão ou de outro tipo de crime.

Na opinião do vice-presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), os números revelam uma relação entre as taxas efectivas de criminalidade, que no caso dos assaltos a residências, por exemplo, têm subido, e o receio de vir a ser vítima de crime.

«Essa é um das maiores conclusões e que permite aferir que o sentimento de insegurança e de preocupação com o crime conti-

nua a ser uma prioridade e uma preocupação dos portugueses no seu dia-a-dia que claramente afecta a qualidade de vida de todos nós», defendeu João Lázaro.

Na opinião do responsável da APAV, os dados do segundo barómetro revelam esse receio entre os portugueses e alertou que essa preocupação pode ter consequências «tão micro» no dia-a-dia de cada um, principalmente dos mais idosos, ao ponto de afectar as suas redes sociais ou o seu convívio.

«Afecta a nossa vida pessoal, social nas comunidades onde vivemos e é realmente um fardo, uma nuvem que os cidadãos portugueses carregam nas suas comunidades, o receio do crime, e também no impacto que os crimes existentes provocam nas comunidades», explicou João Lázaro, acrescentando que o crime afecta a noção de espaço público e de segurança.

O responsável da APAV ressaltou que o objectivo do barómetro não era o de aferir os resultados oficiais, mas apontou que o crescimento do receio de ser vítima de um crime, no caso concreto dos assaltos a residências, ocorre principalmente na zona do país, o Algarve, onde mais se têm registado esse tipo de crime.

O barómetro APAV/Intercampus sobre criminalidade e insegurança foi realizado com base em entrevistas telefónicas a 601 pessoas distribuídas pelo norte (221), centro (143), Lisboa (166), Alentejo (45) e Algarve (26), a indivíduos com 15 ou mais anos de idade, residentes em Portugal Continental, entre os dias 1 a 15 de Março de 2012. ||





ID: 43404300

22-08-2012

**Segurança**

# Mais de 30 pessoas admitiram à APAV ter sido vítimas de crime no último ano

**U**ma em cada vinte pessoas inquiridas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) admitiu ter sido alvo de um assalto, agressão ou outro crime no último ano, havendo 313 com receio que a casa seja assaltada.

Os dados são do barómetro APAV/Intercampus, sobre criminalidade e insegurança, que foram divulgados ontem e a que a Lusa teve acesso, realizado com base em entrevistas telefónicas a 601 pessoas distribuídas pelo Norte (221), Centro (143), Lisboa (166), Alentejo (45) e Algarve (26).

De acordo com este barómetro, “cinco por cento (32 respondentes) da amostra inquirida afirmou ter sido vítima de assalto, agressão ou outro crime nos últimos 12 meses”.

Das pessoas que responderam afirmativamente, constata-se que 53 por cento são mulheres e 47 por cento são homens, situando-se a percentagem mais elevada (38 por cento) na faixa etária entre os 25 e os 44 anos.

Por outro lado, há também 52 por cento dos inquiridos que revelam ter receio de que a sua residência venha a ser assaltada, contra 45 por cento que diz que não.

Aqui, o receio é mais enfatizado “junto dos inquiridos do sexo feminino e da população com 25 e mais anos de idade”.

Apesar disso, “apenas 19 por cento (117) considera a zona onde



reside como perigosa ou insegura”, sendo que esse sentimento de insegurança “é exponencialmente mais elevado durante a noite”.

Dentro dos que consideram a sua zona de residência perigosa, 56 por cento são mulheres e 37 por cento têm 65 ou mais anos de idade.

Entre estes, 58 por cento consideram a zona de residência mais perigosa durante a noite, 31 por cento de dia e de noite, e 6 por cento de dia.

No que diz respeito a assaltos ou agressões, 58 por cento dos 601 inquiridos revelaram não ter receio de ser assaltado ou agredido, sendo

este receio mais acentuado entre as pessoas com 65 ou mais anos (52 por cento) e entre as pessoas que vivem nas regiões do Algarve (50 por cento), Lisboa (46 por cento) e Centro (45 por cento).

Entre as pessoas que receiam ser assaltadas ou agredidas (41 por cento), a zona onde residem aparece como um dos locais onde esse receio se acentua, admitindo 57 por cento que têm mais medo durante a noite.

Do total de inquiridos, 121 (cerca de 20 por cento) dizem mesmo ter receio de serem agredidas dentro da própria casa, destacando-se aqui, neste conjunto, os indivíduos de sexo feminino (60 por cento) e dentro da faixa etária entre os 45 e os 64 anos (36 por cento).

Entre o total de inquiridos, 327 admitiram ter receio de que o seu veículo seja roubado, sendo esse receio maior entre as mulheres (51 por cento) e entre as pessoas com idades entre os 25 e os 44 anos (42 por cento).

O barómetro APAV/Intercampus foi realizado com base em 601 entrevistas telefónicas a indivíduos com 15 ou mais anos de idade, residentes em Portugal Continental, entre os dias 01 a 15 de março de 2012.

A Intercampus é uma empresa de estudos de mercado cuja função passou não só pela realização dos questionários, como também pelo trabalho de campo levado a cabo por 25 entrevistadores.



# Assalto a residências é o mais temido pelos portugueses

## VIOLENÇA

O RECEIO de ser vítima de um crime ensombra a vida dos portugueses. O alerta da Associação de Apoio à Vítima (APAV) é sustentado por um estudo, apresentado ontem, em Lisboa, sobre a criminalidade e a insegurança.

O universo da amostra foi composto por 600 pessoas de todo o país e dela é possível depreender que os portugueses temem, por exemplo, que a sua residência seja assaltada (52%).

Neste ponto, são os inquiridos do sexo feminino e população com mais de 45 anos que revelam maiores preocupações. No que respeita à zona geográfica é no Algarve que (57%) a população teme

mais os ataques. Apesar deste receio, apenas 19% dos inquiridos considerou perigosa ou insegura a zona onde reside, mas venceu que o sentimento de insegurança "é exponencialmente mais elevado durante a noite".

Também segundo os dados do barómetro APAV/Inter-campus, uma em cada vinte pessoas inquiridas admitiu ter sido alvo de um crime no último ano. Foram 32 os que afirmaram ter sido vítima de assalto, agressão ou outro crime nos últimos 12 meses. Desses, destaque para uma maioria de mulheres (53%), com idades entre os 25 e os 44 anos.

Dos números apresentados há ainda a reter o dado que demonstra que dois em cada três entrevistados teme que

## BARÓMETRO

41%

### Recela ser assaltado

O barómetro APAV/Inter-campus dá conta que 41% dos inquiridos teme ser assaltado ou agredido e 20% receia ser alvo de insultos.

64%

### Tem medo pelo automóvel

Entre os inquiridos que possuem veículo denota-se grande preocupação de que seja alvo de furto ou dano.



João Lázaro, da APAV: "Crimes são um fardo social"

o seu automóvel seja alvo de furto ou dano (64%), sendo que este item foi revelado com maior intensidade no Norte do país (36%).

Na opinião do vice-presidente da Associação Portuguesa da APAV, os números apresentados revelam uma relação entre as taxas de criminalidade e o receio de vir a ser vítima de crime.

"O sentimento de insegurança e de preocupação com o crime continua a ser uma

prioridade e uma preocupação dos portugueses e, claramente, afeta a qualidade de vida de todos nós", realçou, lembrando que, por exemplo, no caso dos assaltos a residências, cujas cifras têm vindo a subir, a população revela maior preocupação. "O impacto que os crimes existentes provocam nas comunidades afetam a nossa vida pessoal e social. É realmente um fardo".

SUSANA OTÁO





## Um em cada vinte admitiu ter sido vítima à APAV

Uma em cada vinte pessoas inquiridas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) admitiu ter sido alvo de um assalto, agressão ou outro crime no último ano, havendo 313 com receio que a casa seja assaltada.

Os dados são do barómetro APAV/Intercampus, sobre criminalidade e insegurança, divulgada ontem, realizado com base em entrevistas telefónicas a 601 pessoas distribuídas pelo Norte (221), Centro (143), Lisboa (166), Alentejo (45) e Algarve (26).



## **Domiciliária por violência doméstica**

No total, estão em vigilância electrónica em Portugal 771 pessoas, 99 delas por crimes de violência doméstica, encontrando-se obrigadas a ficar em casa e com proibição de contactos. Segundo dados divulgado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), esta organização recebe uma média de 19 denúncias de violência doméstica por dia, o que aponta para mais de 76 mil casos, nos últimos 11 anos. Só no ano passado, a APAV recebeu 591 casos de pedidos de ajuda por violência doméstica. Ainda segundo os dados dos serviços prisionais, a maioria das 771 pessoas que se encontram em vigilância electrónica situa-se na área metropolitana de Lisboa (244), seguindo-se o Norte (236), o Centro (119), o Sul (70) e as Regiões Autónomas (42). Com a vigilância electrónica que obriga à permanência na residência, o Estado poupa uma média, por pessoa, superior a 30 euros. Segundo a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, tendo em conta valores de 2011, a vigilância electrónica convencional fica a 16,35 euros, enquanto o custo médio diário de um recluso é de 47,81 euros. Das 771 pessoas em vigilância electrónica neste momento, em Portugal, 500 delas estão obrigadas a ficar em casa, em cumprimento de uma medida de coacção.





123RF

## Medo que férias não apagam

Costuma dizer-se que somos um País de brandos costumes. Mas o barómetro APAV/Intercampus sobre criminalidade e insegurança, recentemente divulgado, confirma que o medo é um sentimento cada vez mais partilhado pelos portugueses. Medo de assaltos, agressões ou outros crimes, um receio transversal, que não poupa homens ou mulheres e que não escolhe idades, isto apesar de serem os mais idosos aqueles que, sem surpresa, mais temem pela sua segurança.

Ao todo, segundo os dados da Associação de Apoio à Vítima, 52% dos inquiridos têm medo que a sua casa venha a ser assaltada. Embora menos, contam-se ainda 19% que consideram a zona onde residem «perigosa ou insegura», sentimento que se acentua durante a noite e que aflige sobretudo as mulheres (56%) e os inquiridos com 65 ou mais anos.

São também os mais idosos que vivem à sombra do medo das agressões (52%), contando-se ainda cerca de 20% das 600 pessoas que participaram no inquérito que temem mesmo que estas possam acontecer no interior da sua própria casa.



ID: 43488209

24-08-2012

>> Nos últimos 12 meses

# “Um em cada vinte é vítima de crime”

SANDRA PACHECO TEJO  
sandra.tejo@terranostra.publicor.pt

O receio do crime continua a afetar o dia a dia de muitos portugueses e a influenciar negativamente a sua qualidade de vida”, revelam os dados apurados pelo inquérito “Criminalidade e Insegurança” promovido pela APAV e Intercampus. Em 2011 a APAV recebeu 591 casos de pedidos de ajuda por violência doméstica.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apresentou as conclusões do segundo Barómetro APAV/Intercampus, sobre o tema da “Criminalidade e Insegu-

rança”, esta terça-feira, em Lisboa. Segundo os dados avançados pela APAV “um em cada vinte inquiridos revelou ter sido vítima de um crime nos últimos doze meses. Verifica-se portanto que o receio do crime continua a afetar o dia a dia de muitos portugueses e a influenciar negativamente a sua qualidade de vida.”

O inquérito “Criminalidade e Insegurança” resulta da parceria entre a APAV e a Intercampus, pelo segundo ano consecutivo, e partiu do contato telefónico a 601 agregados familiares de Portugal Continental, em março de 2012, explica a APAV em comunicado enviado às redações.

Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, “a informação solicitada às famílias teve na base o seu sentimento de segurança face à zona residencial; em termos pessoais; face aos bens pessoais e também contemplou a experiência pessoal nos últimos 12 meses.”

Os dados revelados pela APAV/Intercampus sugerem que “o bem



Medo de ser vítima de crimes afeta negativamente o dia a dia

estar e a qualidade de vida dos portugueses continuam a ser negativamente afetados – quer pelo receio do crime, quer pelas centenas de milhares de crimes que continuam

a ocorrer todos os anos. Continua pois a revelar-se necessária quer uma mais eficaz prevenção do crime que reduza o receio deste, quer um apoio mais efetivo aos milhares de

portugueses que todos os anos sofrem perdas pessoais ou patrimoniais causadas pelo crime.”

Também esta semana, a Direção Geral dos Serviços Prisionais (DGSP) revelou que “quase uma centena de pessoas encontra-se atualmente em prisão domiciliária com pulseira eletrónica, em Portugal, por crimes de violência doméstica.”

Segundo a DGSP “no total, estão em vigilância eletrónica em Portugal 771 pessoas, 99 delas por crimes de violência doméstica, encontrando-se obrigadas a ficar em casa e com proibição de contatos.”

De acordo com os dados da DGSP a maioria das 771 pessoas que se encontram em vigilância eletrónica situa-se na área metropolitana de Lisboa (244), seguindo-se o Norte (236), o Centro (119), o Sul (70) e as Regiões Autónomas (42).

No que à taxa de sucesso da vigilância eletrónica concerne os dados revelados pela Direção Geral dos Serviços Prisionais apontam para uma percentagem sempre acima dos 90%, desde 2007.

Eduardo Carvalho



em foco

FAMOSOS que já sofreram AGRESSÕES

# Relatos de violência

São várias as figuras públicas que passaram por este flagelo que não olha a sexos ou classes sociais. Denunciar o caso às autoridades é um dever de cada cidadão.

**PODE ACONTECER A TODOS... E A TODAS!**

## Luísa Beirão

Segundo o jornal "Correio da Manhã", a modelo alega, em processo que decorre em tribunal e cujo julgamento começará em setembro, que, durante cinco dos 11 anos que viveu com Miguel Pedrosa, foi vítima de violência doméstica. Segundo o mesmo jornal, Luísa Beirão terá sofrido insultos e agressões, como empurrões, estalos, pontapés e puxões de cabelo, que continuaram mesmo quando ela estava grávida, primeiro da filha Isabel, agora com 4 anos, assim como na segunda gravidez, de que nasceu Frederico, de 1 ano. Luísa Beirão e Miguel Pedrosa divorciaram-se em março de 2011. "No momento oportuno esclarecerei a verdade dos factos", disse o ex-futebolista à revista CARAS. Luísa Beirão namora desde junho de 2011 com Filipe Gomes, administrador de uma empresa.



## João Mota

Quando entrou no reality show "Casa dos Segredos", na TVI, assumiu publicamente ter sido "vítima de violência doméstica por parte de uma ex-namorada". Durante meses, o jovem algarvio sofreu com maus tratos físicos e verbais.

TEXTO: NUNO PIRES FOTOS: ARQUIVO



## Nuno Guerreiro

O cantor revelou ter sido vítima de violência doméstica por parte da pessoa com quem manteve um romance. Um dia, na sequência de uma agressão, o cantor foi parar ao hospital, onde esteve internado quatro dias. A relação terminou.



## Luciana Abreu

Ainda adolescente, a cantora, assim como a mãe, Ludovina, e a irmã, Luísa Abreu, terá convivido de perto com agressões e maus tratos: "Tive um péssimo exemplo em casa. Uma pessoa que nos maltratava de várias maneiras, dia e noite".





Em 2011, por cada 7 dias, cerca de 14 idosos foram vítimas de crime (média de 2 por dia)

# doméstica



## Florbela Queiroz

A atriz, de 69 anos, acusa a nora, Marília Barros, de lhe ter batido com uma mangueira de jardim e o filho, Manuel João Queiroz, de ofensas verbais. "Fui agredida pela minha nora. O meu filho está do lado dela e também me chamou nomes. Esta situação está a ser muito dolorosa para mim", disse a taróloga numa entrevista telefónica à tvm, que dias depois negou ter dado. Florbela já denunciou o caso às autoridades e à APAV. Tanto o filho como a nora negam quaisquer agressões à atriz e defendem-se. "A atriz Florbela Queiroz não se encontra, atualmente, no melhor estado de saúde psicológica possível, tendendo a ficcionar episódios de crise familiar. Jamais existiram quaisquer tipos de maus tratos sobre a mesma", refere Manuel João Queiroz num comunicado enviado à imprensa. A taróloga acredita que o filho e nora a querem expulsar de sua casa e interná-la. "Percebi que ela [Marília Barros] queria colocar-me num asilo", disse Florbela à tvm.



O cantor foi considerado culpado

## Maria Roseta Ferreira

A ex-mulher de Paco Bandeira garante que foi vítima do cantor e ganhou o processo contra este em tribunal. "Fez-se justiça e foi-me devolvido o respeito que me era devido. Sinto-me tranquila", afirmou.

## Dolores Aveiro

Por culpa do álcool, a mãe de Cristiano Ronaldo viu o seu casamento de 34 anos ser destruído: "Fui muito maltratada". O ex-marido, Dinis Aveiro, esteve na guerra em Angola, algo que alterou bastante o seu comportamento no regresso: "Ele não era assim. Mudou depois de ir ao Ultramar. Quando voltou de Angola vinha muito revoltado. Antes não bebia".



## Carolina Salgado

"Quando surgi num casamento com o olho negro, foi o Francisco que me bateu", disse em 2008, depois de terminar a relação com Francisco Rolo. "Não lhe bati, apenas a puxei por um braço e, para mim, isso não é nenhuma agressão", defendeu-se Francisco na altura.

## Ana Ribeiro

A jornalista, irmã de Alexandra Lencastre, terá deixado o ex-namorado entrar em casa, para evitar confusões no prédio. Ana alegou, perante os juízes em tribunal, que João Murillo partiu um vidro e esbofeteou-a. O pintor foi acusado e sentenciado a pagar uma indemnização de 3,132,74 euros e 5600 euros de multa pelos crimes cometidos. "Estou e estarei sempre inocente, apesar da condenação", afirmou João Murillo.



## PEÇA AJUDA (sempre!)

Não aja com indiferença! Se for vítima de violência doméstica (ou conhecer alguém que seja), dirija-se a qualquer esquadra da polícia, hospital ou à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Esta associação especializada poderá acompanhá-lo(a) e prestar-lhe o melhor acompanhamento possível. "As vítimas podem dirigir-se a qualquer gabinete da APAV ou telefonar para a linha de apoio. A associação apresenta três tipos de apoio às vítimas: psicológico, judicial e jurídico", afirma Daniel Contrim, assessor técnico da Direção.

### AS LINHAS DE APOIO QUE DEVE USAR:

APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima):  
707 200 077  
CIG (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género):  
217 983 000

AMCV (Associação de Mulheres Contra a Violência):  
213 802 164  
UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta):  
218 873 005 (Lisboa)